

Incentivo a habilidades eleva os índices escolares no Estado

Escola Cidadã Integral desenvolve potencialidades dos alunos na área de tecnologia e com foco na sustentabilidade

Márcia Dementshuk
Especial para A União



Chega o período de chuvas em Cajazeiras, no Sertão da Paraíba, e Filipe Cândido Soares Abrantes observava a grama crescendo e virando mato. Os jardins da escola não estavam mais atraentes, o que incomodava o estudante diariamente. “É só cortar essa grama”, ele pensava. Mas não havia cortador elétrico e o trabalho seria exaustivo manualmente.

“Eu tentei montar um cortador de grama usando um motor de liquidificador, arames e um cabo de vassoura. Não deu muito certo, mas ajudou”, contou Filipe. A diretora da escola em questão – Escola Cidadã Integral Crispim Coelho, a “Estadual” – professora Elizângela Paiva revelou a modéstia do estudante. “Que nada. O cortador funcionou muito bem. Conseguimos aparar os jardins, arrumamos as plantas e ficou lindo. Sem isso nem teríamos começado o trabalho”, afirma.

E de onde veio a ideia de fazer a máquina? “Eu vi um

protótipo feito por um amigo e tentei melhorar. Ele fez um cortador de capim fixo, não tinha um cabo grande e não era muito eficiente pra cortar o capim. Eu resolvi acrescentar um arame, um cabo de vassoura, passei no mato e cortou”, explicou Filipe.

Filipe também montou um museu. Ele ouvia falar que aquela tinha sido uma escola muito boa, referência em Cajazeiras, mas passava por um período de descrédito. “Não havia muitas informações antigas sobre nossa história; eu não sabia a quantidade de troféus que a escola tinha. Estavam todos num galpão. Quando fui ver, tinha mais de 200, sem que ninguém soubesse. Fiz uma prateleira de pallet para expô-los. Achei um mimeógrafo, uma máquina de escrever antiga. Consertei um retro-projetor bem antigo, com a lâmpada ainda funcionando. Achei um monte de disquetes; uma TV preto e branco, de seis polegadas e as fichas dos dez primeiros alunos da escola”, relatou.

O nome era “Museu ENAT – Estadual nos Ares do Tempo”. Foi um projeto para a Feira de História, feito em grupo. É possível fazer uma visi-

As pessoas não davam chance de eu exercer um protagonismo. Agora eu sei que tenho capacidade de criar soluções e ajudar minha família

ta ao ENAT, que fica em uma das salas da escola, quando a pandemia passar. Filipe ainda consertou ventiladores e fez uma série de coisas. Aprendeu por conta própria e contou com o apoio dos professores no que precisava.

Hoje com 15 anos de idade, no 1º ano do Ensino Médio, quando confrontado com a necessidade de equipamentos para o tratamento da covid-19, Filipe projetou um respirador mecânico, mas por enquanto não conseguiu tirar do papel por causa da interrupção das aulas presenciais. Ele precisaria de recursos dos laboratórios de química e de robótica.

“Nas escolas por onde passei, as pessoas não davam a chance de eu exercer



Fotos: Divulgação

Desenvolveram o robô Mito, os estudantes fizeram um vídeo sobre empreendedorismo e ferramentas de planejamento

um protagonismo. Agora eu sei que tenho capacidade de criar soluções e até ajudar minha família nesse momento difícil. Na hora que a senhora [a reportagem] me ligou eu estava indo até a estrada, deixar um pedido”, disse.

A mãe de Filipe está fazendo um tratamento custoso para se recuperar de

problemas na coluna. Seu pai trabalha como motorista de ambulância. Para fechar as finanças da família eles tiveram que sair da cidade de Cajazeiras e se mudar para um sítio em um pequeno município vizinho, mas que mesmo assim fica um pouco distante. Porém, Filipe já acertou um lugar para dormir em Cajazeiras durante a

semana, quando as aulas voltarem. Enquanto isso, além de continuar “inventando” e acompanhando as aulas não presenciais, ele montou um empreendimento caseiro. Produz pastéis, que ele mesmo cozinha, e vende por encomenda, com caldo de cana. Uma solução temporária, até que a mãe fique bem.

Sonadores, óculos sensores e outras invenções

“Nossa escola era desacreditada. Uma escola de 59 anos, mesmo com um currículo imenso de vitórias. Depois de uma reforma e da implementação do modelo integral, começamos o ano letivo de 2019 com 63 alunos, desmotivados, pais desconfiados. No entanto, sabemos que o que esses jovens queriam era que suas vozes fossem ouvidas, que alguém acreditasse neles e sonhassem com eles seus sonhos. Dando oportunidades, ouvido-os e sonhando juntos, esses meninos e meninas têm outra perspectiva. Hoje temos 279 sonhadores”, conta a diretora Elizângela Paiva, da Escola Cidadã.

Francisco José Ferreira da Silva, 18, sonhou tanto que fez, no ano passado, óculos sensor que avisa pessoas cegas quando há um obstáculo à frente. É um complemento para a bengala, sendo que esta identifica o que está próximo ao chão. Os óculos emitem um sinal sonoro quando o obstáculo está sensível da cintura para cima.

“Os professores deram o desafio de trabalharmos em grupo em algum projeto que trouxesse benefício para pessoas. Daí veio a ideia dos óculos, reconhecendo a dificuldade das pessoas cegas. Nós tivemos aula de robótica e aprendemos algumas coisas de arduino [software usado para programar os sensores]. Também aprendemos coisas pela Internet e montamos os óculos”, narra Francisco.



Óculos sensor, desenvolvido por aluno, que avisa às pessoas cegas quando há um obstáculo pela frente

Criatividade na quarentena

Agora em quarentena, em casa, Francisco está testando um gerador de hidrogênio que substitui o combustível fóssil de veículo automotor. Ele enviou um vídeo mostrando o equipamento instalado em uma motocicleta, funcionando perfeitamente. “Não repara, é um protótipo”, disse, justificando os fios do gerador, ainda em construção.

As disciplinas como Matemática ou Português não perdem suas importâncias no currículo, mas mesmo assim a escola continua incentivando outras habilidades. Com isso, ela registrou aumento nos índices escolares. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), por exemplo, saltou de 2,6 para 4,9. Também é a segunda melhor escola na 9ª Regional de Ensino da Paraíba em resultados do ENEM, e entrou para o “TOP 10” entre todas as escolas da cidade, públicas ou privadas, em termos de resultado.

Intercâmbio

A deputada Rosa Neide (PT-MT), da Frente Parlamentar em Defesa da Escola Pública e em Respeito ao Profissional da Educação, contou que por volta de 2013 havia um movimento dos grupos representativos da educação em visitas à Finlândia para verificar qual seria o motivo do sucesso da educação naquele país e tentar aplicar na educação brasileira.



Protótipo de gerador de hidrogênio teste

Segundo a deputada, descobriu-se que a formação dos professores de ensino básico finlandês era, no mínimo, em nível de mestrado, e que os salários da categoria eram os melhores do mundo.

O Governo do Estado da Paraíba, por meio da Secretaria Estadual da Educação e da Ciência e Tecnologia (SEECT), enviou o primeiro grupo de professores em intercâmbio pelo Programa Gira Mundo em 2017. Giovania Lira, uma das professoras integrantes desse grupo, disse que o objetivo era identificar metodologias inovadoras. “Nós saímos da Paraíba com a proposta de voltarmos com um produto na área do empreendedorismo educacional”, revelou. Mal sabia ela que sua vida e a vida dos outros intercambistas estava prestes a ser impactada.

O grupo vislumbrou uma metodologia diferenciada aplicada no norte do continente europeu e trabalhou na adaptação para a realidade do Nordeste brasileiro. “Depois de passarmos um período na Universidade de Ciências Aplicadas de Tampere, na Finlândia [TAMK, na sigla em finlandês] entendemos que o empreendedorismo está relacionado com desenvolvimento de vida. É o empreender juntamente com o ‘ser’. Como eu posso ‘ser’ um agente de impacto?”, explicou a professora Giovania.



Around a table in the school, students work on a project

Projeto para toda vida

Lado a lado com a professora Iolanda Cortez, colega de intercâmbio, a equipe da SEECT modelou uma estratégia diferenciada de ensino que inicia confrontando o estudante com seu futuro: “qual o seu projeto de vida?”. A partir daí, a trajetória inicia no presente, com ações destinadas a moldar um caráter autoconfiante, solidário com o próximo e com uma visão de desenvolvimento sustentável.

Enquanto os estudantes “sonham”, planejam o futuro racionalmente. Durante o primeiro ano do Ensino Médio, os estudantes participam da disciplina “Colabore Inove”, onde se deparam com conceitos de empreendedorismo, ferramentas de planejamento, de gestão, além de descobrirem a existência de uma mobilização global, considerando os 17 objetivos de desenvolvimento sustentáveis, diretrizes da ONU para alcançar metas até o ano de 2030, que garantirão melhor qualidade de vida para a população do Planeta.

Essa metodologia adaptada começou a ser empregada nas Escolas Cidadãs Integrais e as técnicas em 2017. Elas vêm desde então sendo aperfeiçoadas. Existem 229 escolas cidadãs na Paraíba (35,44% da rede), sendo 100 delas integrais técnicas (ECITs) e 129 propedéuticas (ECIs). Os estudantes da ECI Crispim Coelho, Filipe e Francisco, gostariam que todos os alunos pudessem, uma vez na vida, ter essas experiências.

O professor da disciplina Colabore Inove, Renato Nunes, que também dá aulas de Física, fala do quão gratificante é presenciar esse desenvolvimento. “Essa disciplina foi iniciada no ano passado para nós e foi um desafio. Vai além da construção de produtos. Temos experiências com serviços, como o ‘Corte de Cabelo Solidário’, feito no ano passado. Os jovens passam por experiências de vida. Eu era apenas professor de Física e hoje sou professor de vidas”, comemorou.